

**RESISTINDO PARA (RE) EXISTIR: SOBRE MEMÓRIAS E
IDENTIDADES TRANS NAS EXPERIÊNCIAS COM A ESCOLA**
*Gênero e Sexualidade na Escola: Novas Ameaças, Enfrentamentos e
Possibilidades de Resistência*

Bruno Rodrigues Ganem ¹

RESUMO

De que forma a presença de pessoas trans na Educação Básica contribui para a desconstrução de práticas cisheteronormativas? Como ressignificam suas trajetórias nesses espaços de constantes disputas? Como espaços de reiteração de violências e transfobias, as escolas demarcam e diferenciam as identidades trans que acabam por assujeitar-se cotidianamente. Precarizadas e em condições abjetas, as identidades trans disputam suas existências com os diversos sujeitos da escola na medida em que interagem com ela. Suas experiências em meio às relações de poder no sistema educacional são estigmatizadas por enquadramentos que as tornam menos vivíveis. Existências que, em ordem de resistência, lutam por (re)existências: existem outra vez por suas experiências ressignificadas.

Palavras-chave: Transexualidade; Educação, Resistência.

Para começar: memórias e experiências

Quando criança, as possibilidades de me transformar em outras eram sempre muito atrativas e, ao mesmo tempo, cheias de medo. Transgredir era audacioso: revelar aquilo que aos olhos dos outros parecia não fazer sentido. Encantavam-me as mulheres, seus corpos e suas feminilidades, elas pareciam estar em mim. Era na casa de vovó que o armário e as cortinas se abriam, em todos os sentidos, e o espetáculo tinha início. Ali

¹ Doutorando do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UniRio, ganenbruno@yahoo.com.br

com seus vestidos e colares eu existia para além, fugia deste mundo e me (re) conhecia; num primeiro ato de encenação de si mesmo. Um ensaio festivo de fantasias para uma estreia lotada de preconceitos. “Fale que nem um homem!” e “Você só brinca com meninas?” eram entreouvimentos a toda hora. Como, àquela época, transcender as dinâmicas cisheteronormativas e inquestionáveis que protagonizavam meu dia a dia? Desde o núcleo familiar até a escola uma “tecnologia dos gêneros”, formando e modelando corpos, atitudes e pensamentos.

A experiência como professor de Artes Cênicas, anos mais tarde, numa Escola Municipal da cidade do Rio de Janeiro trouxe a oportunidade de ser professor de uma aluna transexual e a constatação de um tempo ainda cruel e transfóbico. Jéssica, como era chamada, buscava diariamente afirmar sua identidade naquele espaço por tantas vezes preconceituoso e desigual. Dificuldades com seu nome social e o uso do banheiro revelavam uma escola produtora da expulsão (BENTO, 2011), marcando dia a dia as narrativas da aluna, suas experiências e desmemórias: um campo de disputas, enfrentamentos e resistências. Por diversas vezes, conversávamos, eu e ela, sobre ser “quem se quer ser” e eu a apoiava em suas decisões. E, mesmo enfrentando as muitas dificuldades que a escola impunha, Jéssica transgrediu os padrões normativos e transformou-se ali, *na/com* a escola. Jéssica corajosamente buscava representar-se com seu gênero e sua identidade. Mesmo sob o jugo de tantos olhares discriminatórios e violentos ela lutava por seu espaço. De presença marcante e marcada, ela constantemente precisava reafirmar-se como mulher entre ordens que não a compreendiam. Discursos de difamação que insistem em afirmar suas superioridades pela não aceitação do que parece não fazer parte, que não tem inteligibilidade (BUTLER, 2003) e que devem ser fixos. Uma docência falha, sem recursos pedagógicos que auxiliassem a relação com as livres expressões das identidades. Numa rotina massivamente *cisnormativa*, binária e violenta, ela foi expulsa sem concluir seus estudos; uma negação de sua presença potencializada pelas funções de controle (CÉSAR, 2004, p. 150-153) e governo (VEIGA-NETO, 2007, p. 72) de seu corpo.

Assim, cada vez mais fortemente, as questões relacionadas às identidades dissidentes no dia a dia da escola se tornaram determinantes na minha prática educativa



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

com meninos e meninas que transgridem seus gêneros na contramão de práticas cisheteronormativas: como se dá a produção da exclusão de alunos e alunas trans, gerando o afastamento que levaria à expulsão (BENTO, 2011)? Como a escola se relaciona com essas identidades, uma vez que ao assumir o discurso da igualdade em suas práticas cotidianas pode levar ao apagamento delas e à produção de violências? Como se dão as narrativas de pessoas transexuais na relação com a escola? Como são suas experiências ali? Que memórias trazem essas identidades que, cerceadas em trânsito, por diversas vezes, também protagonizam um campo de disputas com possibilidades outras de enfrentamento, resistindo, (re) existindo e ressignificando suas lutas?

Entre narrativas e identidades para resistir

Os dias com Jéssica e tudo o que deles vivenciamos juntos fizeram emergir a proposta de aprender, conhecer e investigar as trajetórias de 6 pessoas trans na relação com suas escolas e a expulsão a que são forçosamente submetidas; procurando compreender como elas acontecem como objetivo maior da pesquisa aqui apresentada. De que forma a instituição escolar, através de um *cistema* educacional que interdita corpos e diferenças, é percebida por esses alunos e alunas? Como suas presenças contribuem para a desconstrução de práticas *cisheteronormativas*? Como ressignificam suas trajetórias? A transexualidade na educação inaugurando um campo de disputas protagonizado por essas vidas; com possibilidades outras de disputas e (re)existências. Ao desnaturalizar as concepções fixas sobre corpos e sujeitos, explicitando os modos pelos quais alguns corpos são produzidos como normais à custa da constituição de outros como anormais (MISKOLCI, 2007), tais vivências em resistência pelos espaços da escola foram fundamentais no processo de construção do conhecimento a partir da escuta ativa e percepção de cada encontro.

Para Butler (2003) as identidades podem ser significadas e ressignificadas ao longo da vida: a respeito das interpelações e discursos de ódio que constroem as pessoas, a autora defende uma ressignificação desses discursos que patologizam tudo que está fora da heterossexualidade. É preciso que cada vez mais nos perguntemos como se produzem as diferenças e que efeitos elas têm sobre os sujeitos (LOURO, 2014, p.61), aprendendo com suas trajetórias, com aquilo que ficou para trás, que se

perdeu com a opressão e com a violência (JESUS, 2016). Como podem existir para além da objetificação de seus corpos e o desrespeito a eles cotidianamente desferidos?

Apontamentos importantes nesse estudo trouxeram à tona as discussões e análises das questões por que atravessam a população trans em seus cotidianos escolares, e de que forma enfrentam rotinas de intolerância e não aceitação da diferença. À luz de suas percepções sobre o universo escolar a partir da perspectiva singular que ocupam neste espaço, nos interpelamos enquanto educadores sobre o que temos feito para combater tal contexto de grande violência (AMARO, 2017). Buscou-se também compreender quais outras formas, que não a expulsão, são vivenciadas no dia a dia dessas alunas e alunos; que possibilidades outras tem a escola oferecido para a desconstrução da lógica exclusão/vulnerabilidade/violência a que essas pessoas são submetidas.

Como espaços de reiteração das cisheteronormas, as escolas demarcam e diferenciam as identidades trans que em constantes conflitos acabam por assujeitar-se cotidianamente. Precarizadas e em condições abjetas, disputam suas existências com os diversos sujeitos da escola na medida em que interagem com ela. Suas experiências em meio às relações de poder no sistema educacional são estigmatizadas por enquadramentos que as tornam menos vivíveis. Existências que, em ordem de resistência, lutam por (re) existências: existem outra vez por suas experiências ressignificadas.

As noções de experiência direcionam as análises compreendendo suas potências na perspectiva de promover a visibilidade e, portanto, superar as políticas de apagamento e esquecimento promovidos pelas lógicas epistêmicas hegemônicas. Para Scott (1998), a experiência é fonte de conhecimento e pode ser pensada como força propulsora para a visibilidade, principalmente, das diferenças que envolvem a constituição de sujeitos que são silenciados e apagados por meio de conhecimentos dominantes. Assim, a autora não toma a experiência como auto evidente, essencialista, mas a partir dos movimentos históricos que produzem sujeitos e concepções de sociedade. Para ela, é preciso ter cuidado com os usos desta noção. Ela adverte para o perigo de tomá-la como auto evidente:

quando a experiência é considerada como a origem do conhecimento, a visão do sujeito individual (a pessoa que teve a experiência ou o/a historiador/a que a relata torna-se o alicerce da evidência sobre o qual se ergue a explicação). Questões acerca da natureza construída da experiência, acerca de como os sujeitos são, desde o início, construídos de maneiras diferentes, acerca de como a visão de um sujeito é estruturada - acerca da linguagem (ou discurso) e história - são postas de lado. A visibilidade da experiência se torna então evidência para o fato da diferença, em vez de se tornar uma forma de explorar como a diferença é estabelecida, como ela opera, e como e de que maneira constitui sujeitos que veem e atuam no mundo. (SCOTT, 1999, pp. 301-302)

Dessa forma, ao investigarmos as experiências de pessoas trans e suas relações com a escola, procuramos apontar o mundo escondido destas pessoas, mostrando o impacto do silêncio, do apagamento e das repressões violentas que sofreram. Com suas experiências negadas, tornam-se invisíveis, anormais e apagadas as histórias das existências transexuais no espaço escolar, reforçando a heteronormatividade como única prática considerada normal e aceita. Os achados da pesquisa nos mostram que ao visibilizarmos a experiência de um grupo diferente, expomos os procedimentos de opressão, no entanto, temos dificuldades de entender sua lógica e seus mecanismos internos de funcionamento. Conforme Scott (1998, p. 304), “precisamos nos referir aos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e apresentam suas experiências. Não são os indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência”. Em suma, a experiência é a história do sujeito e a linguagem é o local onde a história é encenada.

O estudo atentou para a necessidade da mobilização de escolas e educadores na luta contra as violências às identidades trans, assumindo posturas combativas diante de contextos demasiado transfóbicos. É urgente lutar por transformações que possam garantir o acesso e permanência aos espaços formais de educação desconstruindo um sistema de poder que é impeditivo dessa ascensão. Para além é fundamental percebermos que uma história de educação informal dessa população já se faz presente desde há muito. Como população tão estigmatizada e sem direitos foi também nas ruas e nos movimentos sociais que essas pessoas elaboraram e construíram seus conhecimentos, estratégias e saberes.

Uma educação que por muito tempo esteve na base dessas identidades e que não conta com registros específicos dessa história. Para Jesus (2016) o grande desafio da educação hoje é saber que existem múltiplas fontes de conhecimento, que nós podemos aprender independentemente de estar no espaço físico da instituição. Em Travessia:

caminhos da população trans na história (2018), a autora declara: “Mas cá chegamos. Este capítulo é um ato de resistência, sobreviveu à depressão, ao desprezo, ao ódio e ao cansaço, e eu ofereço para que você multiplique a mensagem e quebre o silêncio: nós, população trans, temos uma história” (JESUS, 2018, p. 380).

É por suas vidas, escritas e resistências que chegamos até aqui.

É por elas e é com elas.

É para elas...

REFERÊNCIAS

AMARO, Ivan **Para discutir(ainda mais) gênero e sexualidade na escola: políticas e práticas de resistências** Revista Periferia Educação, Cultura e Comunicação v.9 n.2 jul-dez 2017

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora Record, 2003.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Estudos Feministas, p. 549-559, 2011.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Da escola disciplinar à pedagogia do controle**. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

DE JESUS, Jaqueline Gomes **As guerras de pensamento não ocorrerão nas universidades**. In: COLLING, Leandro. **Dissidências sexuais e de gênero**. EDUFBA, 2016

DE JESUS, Jaqueline Gomes. **Travessia: caminhos da população trans na história**. In.: **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.



LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 2014.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização. In: **Congresso de leitura do Brasil**. 2007. p. 1-19.

RIBEIRO, SOUZA, SANCHES; **Conversas como metodologia de pesquisa por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018

SCOTT, Joan W. **A invisibilidade da experiência**. Trad. Lúcia Haddad. Revisão Técnica: Marina Maluf. Proj. História, São Paulo, fev. 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola?** In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Textos apresentados na Endipe, 10, 2000.

_____. Foucault & a Educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.